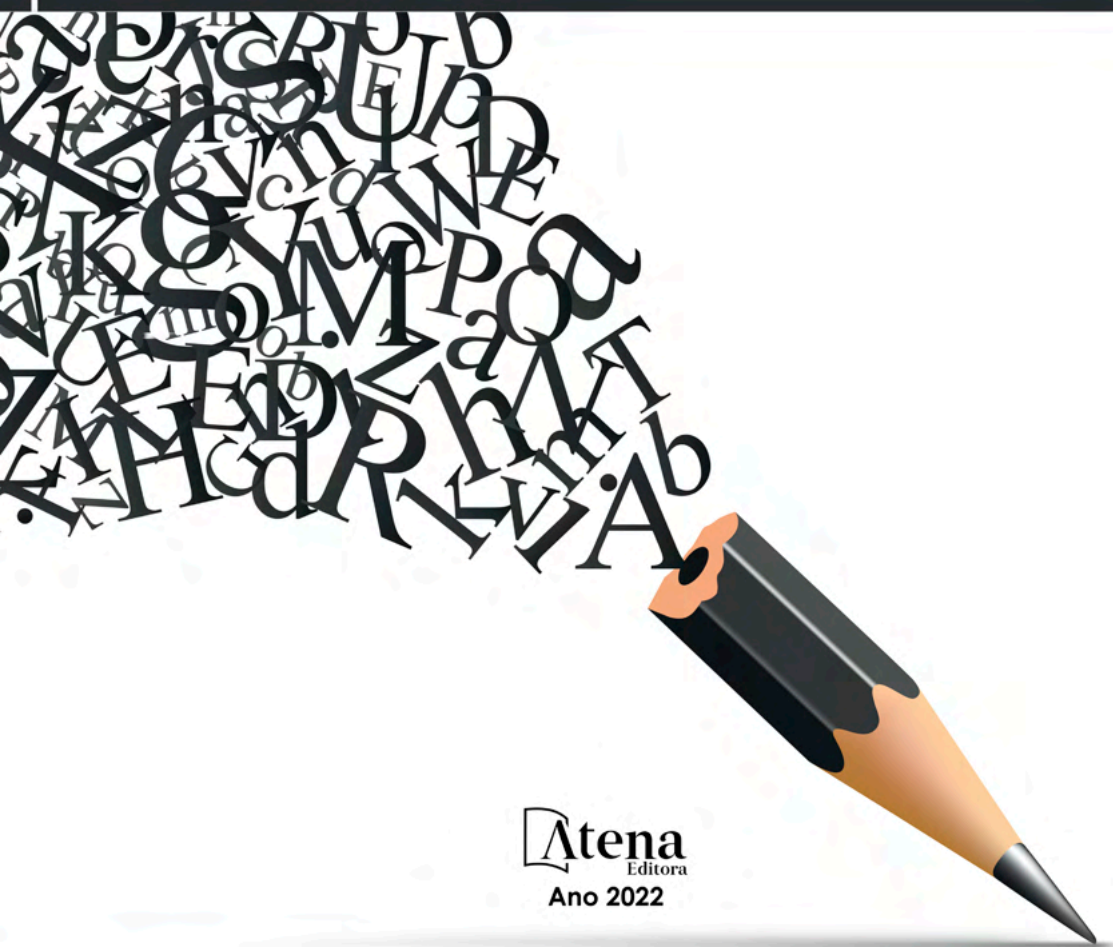


Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais

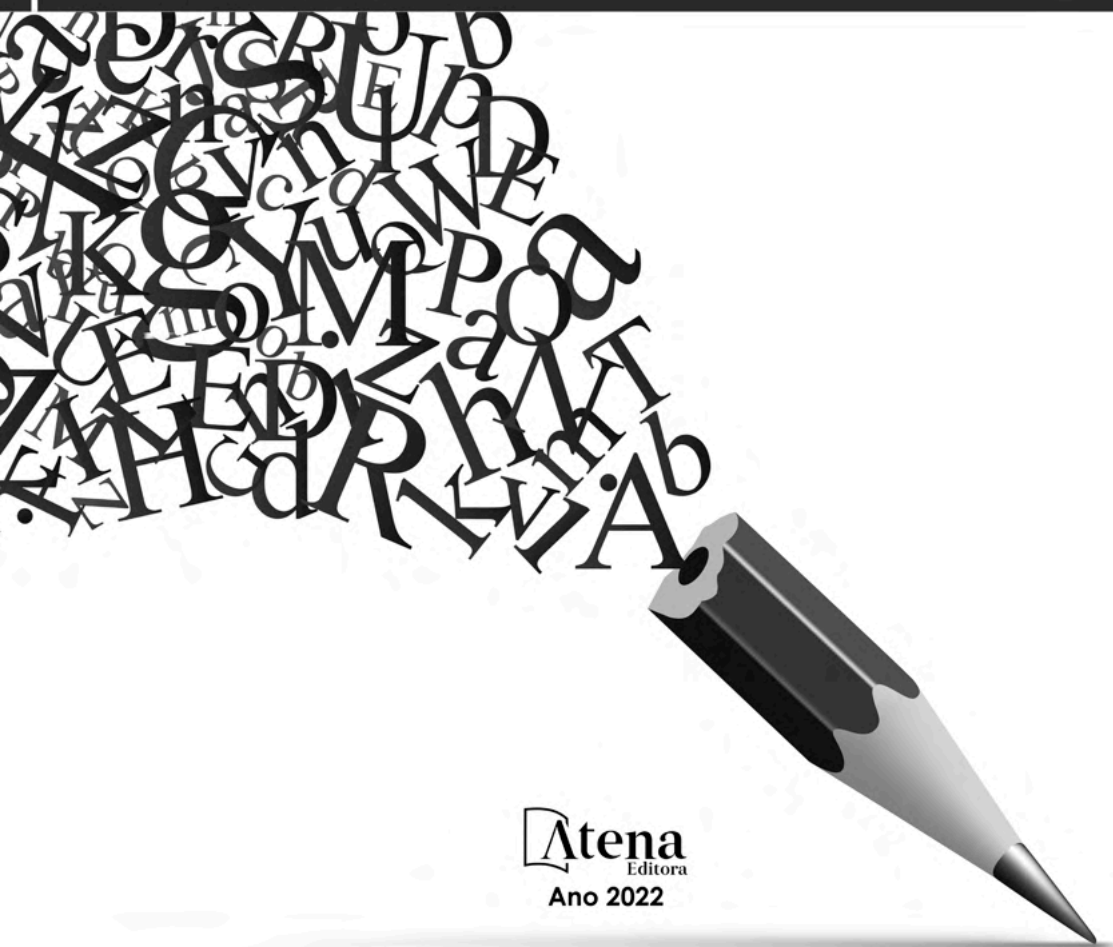


Atena
Editora
Ano 2022

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0513-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.139220509>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais* apresenta, em seus doze capítulos, diferentes pesquisas no campo da Ciências Humanas, mais especificamente, nos campos linguístico, literário e artístico, trazendo artigos que contemplam o título do volume. A descrição, a análise e as práticas sociais estão presentes nos trabalhos de forma singular, formando um todo uníssono pela valorização desse campo de estudo.

Desse modo, há trabalhos que cortejam diferentes aspectos inferidos no título do volume, como a análise do termo – usado no campo jornalístico, como em debates políticos – “narrativa”, há, ainda no campo das práticas sociais, uma minuciosa análise do discurso público municipal brasileiro, artigo, inclusive, escrito em Língua Espanhola. Há, ainda, a belíssima análise de um espetáculo de dança protagonizado por pessoas com deficiência visual, bem como a apresentação de uma experiência de estágio supervisionado de Artes Visuais, em que se trabalha com métodos poético-pedagógicos. Ainda na esfera escolar, há um artigo que trata do gênero da redação ENEM, tão importante para o ingresso dos vestibulandos nas universidades públicas por meio do SiSU. No âmbito das práticas sociais, há um texto que contempla a ação das benzedeadas no país.

Ademais, há trabalhos literários que têm como *corpus* diferentes obras de Milton Hatoum, Raduan Nassar, João Cabral de Melo Neto, Ray Bradbury, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nérida Piñon, Orlanda Amarílis e Dina Salústio, além de um artigo que corteja a tradução literária e a revisão da tradução. Os vieses críticos escolhidos para trabalhar com esses autores foram os da literatura comparada, da sociologia, da revisão crítica e do mito.

Portanto, o presente volume colabora para com o enriquecimento dos campos de estudo literário, linguístico, escolar, de políticas públicas, práticas milenares de cura e jornalístico. Ou seja, é uma grande contribuição para a Ciência que abarca esses saberes – as Ciências Humanas. Por fim, a leitura pode colaborar com a formação acadêmica de graduandos, graduados, pós-graduandos e professores de IES, bem como toda população que apresentar interesse no atravessamento das Ciências humanas que compõe esse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A PALAVRA *NARRATIVA* NOS EMBATES POLÍTICOS: UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

José Luiz Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205091>

CAPÍTULO 2..... 8

ANÁLISIS DEL DISCURSO PÚBLICO: LENGUAJE, INTERPRETACIÓN Y LAGUNAS EN EL ÁMBITO DE LAS ATRIBUCIONES LEGALES DE LOS CONSEJOS MUNICIPALES DE MEDIO AMBIENTE EN BRASIL

Elaine Ferreira Dias


Pedro Henrique Figueiredo da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205092>

CAPÍTULO 3..... 15

ENQUANTO: PROCESSO CRIATIVO COM BAILARINOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DA CIA PASSOS PARA LUZ DE BELÉM/PA-BRASIL

Marina Alves Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205093>

CAPÍTULO 4..... 25

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: NAVEGANDO PELOS MARES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA A PARTIR DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Noeli Batista dos Santos


Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205094>

CAPÍTULO 5..... 35

O GÊNERO *REDAÇÃO DO ENEM*: UM PROBLEMA DE CATEGORIZAÇÃO?

Walisson Dodó


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205095>

CAPÍTULO 6..... 47

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NO BRASIL: REPENSANDO O TRABALHO COM A ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA EM SALA DE AULA

Walisson Dodó


Eulália Leurquin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205096>

CAPÍTULO 7..... 63

REVISÃO DE TRADUÇÃO DE TEXTO EM VERSO: CONHECIMENTOS E RESPEITO AO ESTILO DO AUTOR TRADUZIDO

Dulce Maurília Ribeiro Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205097>

CAPÍTULO 8	75
“LAVOURA ARCAICA”, “DOIS IRMÃOS” E A ANTROPOFAGIA DO MITO	
Nicole Maciel de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205098	
CAPÍTULO 9	86
LYGIA IFAGUNDES TELLES; CLARICE LISPECTOR, NÉLIDA PIÑON, ORLANDA AMARÍLIS E DINA SALÚSTIO - AUTORIA FEMININA A VOZ DE RESISTÊNCIA	
Pedro Manoel Monteiro	
Raquel Aparecida Dal Cortivo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205099	
CAPÍTULO 10	96
AS RACHADURAS NA PAREDE: A PRESENÇA DO DISCURSO AFETIVO E AUTOBIOGRÁFICO EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO	
Rafael Iatzaki Rigoni	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050910	
CAPÍTULO 11	104
SOB O DOMÍNIO DA INDÚSTRIA CULTURAL: UMA CRÍTICA SOCIOLÓGICA DE FAHRENHEIT 451	
Rafael Henrique Mehret	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050911	
CAPÍTULO 12	112
PALAVRAS QUE CURAM: BREVE ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E AS PRÁTICAS ORAIS	
Márcia Souza Maia e Araujo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050912	
SOBRE A ORGANIZADORA	125
ÍNDICE REMISSIVO	126

PALAVRAS QUE CURAM: BREVE ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E AS PRÁTICAS ORAIS

Data de aceite: 01/09/2022

Márcia Souza Maia e Araujo

<http://lattes.cnpq.br/2018382118858326>

RESUMO: Em contextos sociais altamente marcados pela presença da escrita, esta acabou por assumir, nos mais variados grupos, a tarefa de guardião do conhecimento, da cultura e da memória. Há, contudo, grupos e/ou comunidades em que a oralidade tem papel importantíssimo para além da comunicação cotidiana, sendo a base de manifestações de sua cultura ou mesmo da memória coletiva. Dentre elas, encontram-se as tradicionais práticas de benzimento, que apesar do crescente desuso por fatores variados, ainda resistem em regiões distintas do Brasil, como comprovam estudos recentes. Trata-se de práticas de cura através de rezas e rituais com ervas e gestos próprios, aprendidas por herança entre as gerações, e perpassadas pela ideia do dom recebido e do ato sagrado, que conferem à oralidade um valor simbólico muito grande. O presente estudo, sem a pretensão de aprofundar as discussões que apontam para um trabalho antropológico de vertentes bastante complexas, analisa as práticas de benzimento sob a ótica da manifestação oral e seu poder simbólico, mas também sob o pressuposto de serem as benzedeadas guardiãs de traços culturais e da história de sua comunidade, tendo por instrumento a palavra proferida. Para tanto, estabelecidos alguns elementos teóricos, apresentaremos o caso de uma benzedeadora do

interior da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeadas, tradição oral, práticas orais.

WORDS THAT HEAL: BRIEF STUDY ON PRACTICAL AND ORAL BENZEDEIRAS

ABSTRACT: In social contexts strongly marked by the presence of writing, this turned out to take in the various groups, the task of guardian of knowledge, culture and memory. There are, however, groups and / or communities in which orality has an important role beyond everyday communication, is the basis of expressions of their culture or even the collective memory. Among them are the traditional 'benzimento' practices that despite the growing disuse for various factors, still resist in different regions of Brazil, as evidenced by recent studies. It is healing practices through prayers and rituals with herbs and own gestures, learned by inheritance between generations, and pervaded by the gift idea received and sacred act, which gives the orality a great symbolic value. This study, with no claim to deepen discussions related to an anthropological work quite complex aspects, analyzes the benzimento practices from the perspective of oral expression and its symbolic power, but also under the assumption of being the quacks custodians traits cultural and history of their community, with the instrument the word uttered. Therefore, we established some theoretical elements, we present the case of the interior of Bahia 'benzedeadas'.

KEYWORDS: *Benzedeadas*, oral tradition, oral practices.

1 | INTORDUÇÃO

Apesar de vivermos uma época e em uma sociedade que coroam o cientificismo na resolução de inúmeros problemas do cotidiano, é interessante notar a permanência – inclusive em grandes centros urbanos – de uma variedade de atividades que se distanciam dos cânones científicos tradicionais e figuram no plano mágico-religioso, constituindo as práticas dos chamados profissionais do sagrado. Neste grupo figuram diversas pessoas que prometem a resolução de problemas diversos (financeiros, conjugais, espirituais, de saúde) através de mecanismos pautados no misticismo. Entre essas práticas, está a benzedura ou benzeção, dedicada principalmente à cura de enfermidades e que, além de ser antiga, é uma atividade que envolve a tradição oral, lidando, majoritariamente com a memória e a transmissão oral entre as gerações, sem, necessariamente ligar-se ao registro escrito de suas rezas e ritos.

Trata-se de uma atividade na qual a benzedeira¹ evoca dizeres que se mesclam a elementos do catolicismo - como nome de santos, por exemplo - e na qual a crença gira em torno do poder da palavra falada, entoada por pessoa devidamente designada dentro de dada comunidade, em função de ter herdado “um dom”. Nesse caso, a prática, em seu contexto social, só tem o devido valor por instituir-se nessas circunstâncias: o dom, a herança, o poder investido pelo oral, pela memória. A escrita, importante símbolo do conhecimento, não é reconhecida, nesse meio, como instrumento de legitimação da prática da benzeção, uma vez que, ainda que as rezas fossem devidamente registradas em formato escrito, e lidas por qualquer pessoa, não teriam o mesmo valor simbólico que se institui e se legitima pela força do rito oral. Língua, sociedade e cultura, portanto, entrelaçam-se fortemente nessa prática que marcou – e marca – determinados grupos sociais, tendo, de um lado, a marca da língua oral como suporte; e do outro, a crença coletiva no místico, no sagrado.

Neste trabalho, a partir de entrevista com uma benzedeira do município baiano de Santo Estevão, analisaremos aspectos da prática de benzimento ainda presente em dada comunidade do município – a exemplo do que ocorre em outras cidades brasileiras – com ênfase em seu aspecto fortemente oral e fundado na memória social, mesmo que inserido em comunidade perpassada por práticas escritas.

2 | ORALIDADE, ESCRITA, MEMÓRIA E SOCIEDADE

Embora caibam no estudo linguístico muitos recortes teóricos, a partir dos quais a língua pode ser vista sob aspectos diversos – como processo cognitivo, como faculdade mental, como sistema abstrato, como código, entre outros – não se pode pensar a relação entre fala e escrita desconsiderando o seu aspecto social.

¹ Usaremos o termo no feminino por sua predominância – e não por exclusividade – e também por assim ser encontrado em artigos relacionados.

O fato de essas modalidades linguísticas serem manifestações textuais da língua e, conseqüentemente, a representarem em seus contextos de uso, já é um forte marcador do seu caráter social. Entretanto, as relações entre escrita, fala e sociedade expandem-se para além desse aspecto.

Segundo Haveloc *apud* Olson e Torrance (1997) oralidade e [cultura] escrita integram-se e interligam-se nas sociedades através de uma linha tênue, cujos papéis, embora aparentemente definidos, ainda carecem de maior entendimento, uma vez que apresentam diferentes dimensões e estão sempre em processo de reelaboração. Para o autor

A relação entre elas [oralidade e cultura escrita] tem o caráter de uma tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica – afinal as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral – e outra contemporânea – à medida que buscamos um entendimento mais profundo do que a cultura escrita pode significar para nós, pois é superposta a uma oralidade em que nascemos e que governa, dessa forma, as atividades normais da vida cotidiana. (HAVELOC *apud* OLSON e TORRANCE, 1997, p. 18)

Como se observa, os efeitos da superposição da escrita nas sociedades ainda não são plenamente conhecidos. Está claro, porém, que aquela não diminui ou anula as funções da oralidade, presente de forma mais direta e espontânea em nosso dia-a-dia. Embora o recorte anterior atribua à fala uma função própria nas “atividades normais da vida cotidiana”, não se pode entender como se à fala fosse relegado um papel demasiadamente simplificado. O cotidiano é marcado por uma série de atividades, com diferentes graus de complexidade, aos quais a linguagem oral – assim como a escrita – molda-se em níveis que sejam adequados aos contextos cotejados.

O fato é que é extremamente difícil pensar a sociedade contemporânea sem o código escrito, e ainda mais difícil concebê-la sem o código oral, uma vez que há diferentes práticas discursivas que os envolvem, seja suprimindo necessidades primárias – a exemplo da comunicação elementar interpessoal - seja cumprindo funções mais complexas, como a divulgação de conhecimentos científicos, a manutenção de tradições culturais e o registro da História. Isso equivale a dizer que a linguagem (quer oral, quer escrita) entrelaça-se ao fazer social, tanto na interação entre seus indivíduos, quanto nos processos ideológicos que os definem, mantêm e/ou transformam, afinal, os atos linguísticos concentram a autoridade acumulada de seus interlocutores, de maneira que a comunicação é também o exercício dessa autoridade, marcando-se, por exemplo, o papel que o falante ocupa na sociedade em que vive.

Apesar de a sociedade contemporânea dedicar, numa escala significativa, o registro e a memória a materiais escritos diversos, a oralidade tem grande impacto e relevância na memória coletiva e na expressão cultural de dada comunidade, sendo, pois, a fonte principal para que se possa compreender e resgatar elementos históricos e culturais dessa

mesma comunidade, mesmo nos casos em que esta seja perpassada por práticas de escrita (escolarização dos membros, gêneros textuais escritos presentes na vida cotidiana, etc.).

Em outras palavras, independentemente da relevância que é dada à cultura escrita nos diversos grupos sociais, há, ainda, práticas sociais pautadas na oralidade – na “força da fala” - e nas quais a escrita tem papel secundário, ou simplesmente não tem qualquer relevância, como é o caso das práticas de benzimento.

Ao tratar de relações entre elementos da tradição oral e escrita, Calvet (2011, p. 134-135) argumenta que

A força da fala é um fato da tradição oral, enquanto as sociedades de tradição escrita conhecem sobretudo a força do texto. Em um caso, todos são governados por leis, decretos, tratados; no outro, por uma tradição ancestral que não se inscreve nos livros, mas na memória social. (grifo do autor)

Uma marca dessa “tradição ancestral” característica da tradição oral é o amálgama das práticas de benzimento. Isso porque, quando se busca uma benzedeira/rezadeira como alternativa para a cura de uma dada enfermidade, busca-se mais que o elemento terapêutico científico, catalogado, testado na objetividade e empirismo ao qual se propõe “a ciência”, regidos por “*leis, decretos, tratados*”. Busca-se o contato com o sagrado, subjetivo, místico e, nesse caso, é a oralidade, caracterizada pela evocação a textos guardados “na memória social”, aprendidos de geração em geração como herança dos antigos, que faz as vezes de uma “outra ciência”, na qual o (texto) oral reveste a benzedeira de autoridade, conferindo-lhe uma posição de poder, por ser detentora de um “saber sagrado”. Essas significações constituem-se no fazer social e fazem parte de um conjunto de práticas mediadas pela linguagem.

Há, contudo, de se fazer uma ressalva sobre essas práticas orais. Tais práticas, apesar de legitimarem-se na investidura do oral, inserem-se atualmente em sociedades letradas e, de certo modo, podem sofrer interferências do universo escrito, mesmo que a benzedeira não seja “alfabetizada”. Isso porque, em primeira instância, há filhos e netos que, lendo e escrevendo podem interferir em algum aspecto como o vocabulário. Além disso, muitas das benzedeadas declaram-se religiosas, normalmente católicas, e frequentarem a igreja, acabam incorporando elementos muitas vezes lidos e repetidos nas cerimônias como a missa, por exemplo, e que remetem a estruturas da escrita. Presumindo a possibilidade da incorporação desses elementos às “rezas” tradicionalmente ensinadas por meio da fala, não temos como ignorar o fato de que, apesar da sua natureza predominantemente pautada na tradição oral, as práticas de benzedura não estão completamente dissociadas desse contato com elementos da escrita.

Ao examinar implicações da palavra escrita sobre a transmissão oral, o antropólogo Jack Goody (2012, p. 144-145) afirma que a escrita, em sociedades letradas, não é utilizada em todas as situações do cotidiano, nas quais, em boa parte do tempo – dentro das famílias, no trabalho – utilizam-se da oralidade, modalidade em que não houve declínio, mesmo

com a introdução do componente escrito. O autor avalia, contudo, interferências da escrita nessa oralidade. Para ele

[...] é claro que o fato de a transmissão oral ter sido mantida nessas áreas não significa que o conteúdo não tenha sido influenciado pela palavra escrita. Muito pelo contrário. A fala é influenciada em sua pronúncia, em sua sintaxe e em seu conteúdo. O conteúdo das histórias que uma mãe conta a seu filho pode bem originar-se de uma fonte escrita, como o caso dos *contes de fées* de Perrault ou até mesmo do próprio Corão. Isso é o que ocorre em todo o percurso. É claro, o processo de transmissão difere fortemente daquele de uma sociedade puramente oral, já que com um texto escrito o recitador (a mãe, por exemplo) pode sempre se referir ao original e corrigir a história que contou, um processo que é bastante impossível em culturas puramente orais, em que os itens têm de ser mantidos na memória ou esquecidos. (GOODY, 2012, p. 144 – 145) Grifo do autor.

Remetendo-nos às práticas das benzedeadas, suas práticas vão lidar com a memória, sem o suporte de um “original” escrito, muito embora não se insiram – no caso específico deste estudo – numa cultura puramente oral. Desse modo, recorrer à memória gera textos levemente distintos em cada evocação, além de abrir margem para a absorção indireta de elementos advindos da escrita, conforme argumentamos anteriormente.

Um aspecto que, provavelmente, diminui essa interferência externa seja o fato de a prática em questão revestir-se de um valor simbólico, místico, capaz de inibir a autonomia para grandes mudanças, sob a ideia de quebra do seu valor de cura, de seu componente “mágico”, por assim dizer, como ocorreria, analogamente, com um encantamento, uma vez trocadas suas palavras.

3 | AS BENZEDEIRAS E A TRADIÇÃO ORAL

Discutidos alguns aspectos sobre a forma da expressão do trabalho das benzedeadas, passemos a um olhar sobre suas práticas, assim referidas, no plural, por constituírem uma série de ações, rituais e rezas, adequadas à necessidade de quem procura o serviço, e não apenas um esquema único e padronizado.

Nos estudos mais detalhados sobre as práticas de benzeção/benzimento, encontram-se homens exercendo a atividade como ofício. Contudo, é maciça a atuação das mulheres, o que gera referência quase sempre no feminino. Oliveira (1985) *apud* Boing e Stancik (2013, p. 89) sobre a imagem principal que se constitui sobre a benzedeadas, afirma

Geralmente é a de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeadas. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.

Como vemos, na imagem que as próprias comunidades apresentam do que sejam

as benzedeiras, e aqui sintetizadas pela autora, a figura feminina é tida como a principal representante da prática, sendo-lhes atribuídas características que mesclam elementos empíricos (por cientista popular, entende-se uma clara referência ao uso de plantas, unguentos, beberagens, com propriedades específicas) e outros, místicos (as evocações, a magia, as palavras mágicas, o contato com o “divino”, o sobrenatural).

Acerca disso, em estudo sobre das benzedeiras da cidade de Itabaiana-PB, Nascimento e Ayala (2013) argumentam que

No caso das rezadeiras e das pessoas que as procuram, estas sempre buscam as rezas, pois participam de um contexto em que há necessidade de recorrer ao sagrado para resolver algum tipo de problema físico ou espiritual. Assim, a rezadeira se coloca como parte da comunidade e da história do lugar onde vive através do seu conhecimento adquirido na própria comunidade.

Vê-se, nessas palavras, uma importante perspectiva que justifica, talvez, a busca pelo trabalho da benzedeira, mesmo com as modificações e avanços em aspectos sanitários e de saúde no Brasil. Quem busca a benzedura, o faz como uma alternativa, essencialmente por contar com essa atmosfera misteriosa, com a suposta aproximação com o sagrado. Parte-se do princípio de que a terapia tradicional não resolve todos os problemas de saúde, e que alguns deles têm origem espiritual, exigindo medidas em instâncias igualmente espirituais.

As perturbações/enfermidades/problemas que exigem o trabalho destas mulheres não constam do rol da Medicina científica. As benzedeiras alegam que existem “doenças de médicos” e “doenças de benzedeiras”. Essas doenças das quais se ocupam são mais do que conjuntos de sintomas e de sinais físicos. Elas se caracterizam por possuírem uma série de significados simbólicos – psicológicos, sociais e morais – para os membros de grupos sociais específicos. (CUNHA, 2013)

Por esse elo frequentemente atribuído às benzedeiras, não-raro elas são associadas ao espiritismo, ao candomblé, ou mesmo têm suas práticas confundidas com cartomantes, ciganas, videntes. Em “Um olhar antropológico sobre as benzedeiras, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira”, Calvelli (2011) as separa em dois grupos, a saber: *práticas divinatórias*, que incluem búzios, tarot, baralho cigano, carta cigana, I ching, runas, mapa astral, quiromancia, vidência e numerologia; e *práticas da religiosidade popular brasileira*, nas quais encontram-se as benzeções, simpatias, novenas, orações. A separação, tal qual proposta pela pesquisadora, parece estabelecer uma linha entre atividades que têm função econômica (incluindo uso de propaganda em rádios, panfletos), sendo muitas vezes vistas como ilusórias ou, até mesmo fraudulentas; e atividades associadas à religião, com variações quanto ao caráter econômico (muitas benzedeiras nada recebem por seu trabalho, ou recebem em forma de mantimentos) e pautadas na síntese da religião católica e outras.

Para a autora, as práticas do segundo grupo

fazem parte da religiosidade popular brasileira e podem ser encontradas em vários universos religiosos. As benzeções, simpatias, novenas e orações são práticas pertencentes ao universo do catolicismo popular e aparecem nas consultas das profissionais como complemento ao combate dos malefícios que atingem a vida dos clientes. As benzeções, como no catolicismo popular, são feitas mediante fórmulas específicas para cada mal. (CALVELLI, 2011, p. 366)

Embora em muitos estudos, a exemplo da pesquisa de Boing e Stancik (2013)², a maioria das benzedeadas declarem-se católicas e evoquem em suas rezas e benzimentos o nome de santos reverenciados por tal religião (Nossa Sara Aparecida, Nossa Sra. de Fátima, Santa Bárbara, Menino Jesus de Praga, entre outros), podem aparecer, eventual ou sistematicamente, referências a Orixás e outras entidades, o que revela a incorporação de elementos, de fato, próximos de um sincretismo religioso marcante na cultura brasileira.

Acerca disso, os autores observam que

as benzedeadas se declaram católicas e fazem questão de reforçarem sua inclusão na Igreja, pois elas se concebem cumprindo uma missão, uma vez que entendem terem recebido de Deus o dom de curar. (BOING e STANCIK, 2013, p.92)

e acrescentam que

esses terapeutas populares enfrentam o dilema de se declararem católicos e, assim mesmo, persistem numa prática combatida no seio daquela religião. O ato de benzer é uma prática que evidencia aspectos que remetem à religiosidade popular, conforme já observado, mas as formas e práticas de benzimento desenvolvidas por cada uma das benzedeadas remetem aos seus modos particulares de não apenas benzer, mas também de exercer sua religiosidade. Isso tende a ser realizado a partir de sua individualidade, seus referenciais, suas experiências de vida, suas representações relativas ao mundo, às doenças, aos recursos disponíveis para se obter a cura e de forma associada àquilo que lhes foi repassado por seus parentes que lhes transmitiram aquela arte. (*Ibidem*, p.93)

Há, conforme vimos, elementos componentes da religiosidade popular e heterogênea, acabam compondo as práticas evocatórias das benzedeadas, mas estas veem-se como católicas, entendendo que sua missão ou dom advém de designação divina. Além disso, ao formularem suas rezas e benzimentos, os elementos evocados, ainda que outros, distintos da religião católica, são “legitimados” por assim terem sido repassados, transmitidos pelos parentes/antepassados.

Essa visão é ratificada e ampliada na perspectiva de Cunha (2013), na medida em que atribui à crença na designação divina um caráter coletivo. Sobre isso, a autora argumenta que

Seus cuidados transmitidos em palavras envolvem e requerem atenção e toque, além de remédios e banhos à base de plantas. O enfermo que a procura acredita que ela tem o “dom” de curar, pois o recebeu de Deus. A

² Em trabalho sobre as benzedeadas de Ivaiporã, PR.

opinião coletiva reforça a crença no poder de cura das benzedeadas, pois a prática da benzeção faz parte das tradições culturais do grupo e tem eficácia simbólica para seus membros. (CUNHA, 2013, p.6)

Tanto na visão de Boing e Stancik, quanto na de Cunha ora expressas, o processo de constituição da(s) prática(s) de benzimento, perpassa, além da religiosidade, elementos como a tradição, a transmissão, a memória e o poder da palavra.

Acerca disso, Cunha pondera que

Compreender como essas mulheres tornaram-se guardiãs desses saberes mágicos, míticos, orais, tradicionais numa sociedade caracterizada pela técnica, pela informação e pelo conhecimento tecnológico é sem dúvida um grande desafio, assim como observar o poder da palavra que é saber, é dom e é memória a partir do ofício das quais são guardiãs. É preciso reconstruir a aquisição das palavra-saber através da memória oral, haja vista que além da fé e da confiança a elas destinadas, as orações constituem-se a partir da palavra. (CUNHA, 2013, p. 8)

Em sua fala, a autora reforça a ideia da permanência de uma prática essencialmente oral, em sociedades marcadas por tecnologias e pela informação, e por que não dizer, fortemente influenciada pela escrita, conforme discutimos em seção anterior. Suscita, ainda, a reflexão sobre a constituição da prática por meio da palavra. Mais uma “aproximação com o divino”, marcado pelo poder do verbo”.

Trata-se, pois, de um processo de recriação, a partir de conhecimentos transmitidos. Isso porque, nas práticas de benzeção, as adequações feitas a cada enfermidade, pessoa, entidades evocadas, geram enunciados novos a cada momento, a cada pessoa atendida. São, portanto, expressões vivas e únicas, que embora mantenham a substância da memória transmitida, adaptam-se e reinventam-se, agregando elementos e dados culturais que, por sua vez, poderão ser aprendidos.

Assim

As práticas orais tornam-se um dos meios de preservação da tradição, da cultura e, portanto, contribuem para a conservação do Patrimônio Imaterial³. Entretanto, é necessário reconhecer as práticas orais enquanto enunciados concretos, únicos, pertencentes a um campo específico da atividade humana e que por sua vez, se utilizam da linguagem para tornar públicas as experiências e os conhecimentos que são repassados. (NASCIMENTO e AYALA, 2013, p. 7)

Eis que, segundo as autoras, a elaboração contínua desses “enunciados concretos, únicos” são meios de preservação cultural, em paralelo com a escrita, frequentemente associada ao saber científico.

De resto, cabe estabelecer que as benzedeadas (e benzedores) detêm conhecimentos e atuam em práticas que, embora não reconhecidas pela ciência tradicional, são procuradas

³ Segundo o IPHAN, Patrimônio Imaterial é definido como Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

em nome da fé, de crenças instituídas e, não-raro, por seu caráter “divino”.

4 | PALVRAS QUE CURAM: O CASO DA BENZEDEIRA CARMOZA

Uma vez tratados alguns aspectos relevantes ao ofício das benzedeadas, baseados em trabalhos dispersos por diferentes regiões do Brasil (Boing e Stancik/PR; Calvelli/ MG; Cunha,RN; Nascimento e Ayala/ PB), tratemos em nível de ilustração, de uma benzedeadora do município baiano de Santo Estevão, com cerca de 50 mil habitantes, localizado a 150 quilômetros de Salvador, às margens da rodovia BR 116 sul, na região do Vale do Rio Paraguaçu.

Trata-se da senhora Carmozina de Jesus, de 83 anos, conhecida como Carmoza, ou Tia Carmoza. Moradora da comunidade de Pau de Vela, dona Carmoza viu a localidade rural crescer, sob influência das atividades comerciais exercidas à margem da rodovia e ser, nas últimas décadas, incorporada ao perímetro urbano do município, de cuja sede situa-se a cerca de 4 km.

O processo de urbanização da comunidade ocorreu, sobretudo, a partir das atividades de um posto de combustíveis de grande porte, instalado às margens da rodovia, e completamente reestruturado em meados da década de 1990, passando a atender um fluxo muito grande de caminhões e outros veículos, ampliando, com isso, os serviços tradicionalmente prestados naquele trecho de rodovia (BR 116 - Sul). Multiplicaram-se os pequenos prestadores de serviços como borracheiros, mecânicos, pintores, lavadores de caminhões, além de crescerem os serviços de restaurantes, lojas de autopeças, supermercados, pousadas e farmácias, entre outros, todos direcionados aos milhares de viajantes que por ali passam diariamente, prioritariamente os caminhoneiros, que frequentemente necessitam de serviços e suprimentos.

A comunidade com traços essencialmente rurais, e dedicada em maior escala à agricultura familiar, passou, a partir de então, a desenvolver-se em torno dessas outras atividades, havendo, como reflexo, diminuição das atividades tipicamente rurais como o cultivo do milho, do feijão, da mandioca, do fumo e a criação de animais (os mais jovens migraram para as a outras atividades em desenvolvimento, ficando o trabalho “da roça” para os mais velhos), e a geração de renda advinda da prestação de serviços, muitos deles com garantias trabalhistas e salário fixo. Assim, melhoraram as moradias, as escolas municipais do entorno e, com o tempo, a parte nuclear da comunidade passa também a ter serviços como calçamento de ruas, coleta de lixo, melhoria na iluminação e bem recentemente, a construção de um conjunto habitacional, em parceria com programas federais. Paralelamente, a instalação de uma indústria calçadista na sede do município acelerou o processo, por garantir emprego a um número significativo de pessoas (incluindo um número maciço de moradores daquela comunidade), sem esquecer do processo de escolarização, crescente nas últimas décadas, com desdobramentos diversos para

a comunidade, que, em contrapartida, também sofre com o aumento da violência e da presença das drogas.

Nesse cenário, dona Carmoza vive com o esposo, Máximo, numa estrada de terra transversal a uma das ruas principais da localidade, com uma vizinhança que só cresce. Depois de quase uma vida inteira morando ali, e de assistir às mudanças descritas, sua vida parece inalterada pelo entorno. Aposentada como trabalhadora rural, sem filhos (não os tivera), dedica seus dias a cuidar da pequena casa e do esposo doente, com o pouco de visão que lhe resta e a ajuda de uma sobrinha de seu marido, técnica em enfermagem, que vem da sede do município quase que diariamente, aplicar medicamentos, aferir a pressão arterial do tio, entre outras coisas.

Uma primeira leitura era a de que, nessa conjuntura, dona Carmoza fosse nos falar sobre as práticas de benzeção exclusivamente no passado, como lembrança dos tempos em que o Pau de Vela era só uma comunidade rural discriminada, a começar pelo nome da comunidade⁴ (hoje bairro Pau de Vela) ou em tempos em que o acesso aos equipamentos de saúde era ainda mais difícil, ou mesmo inexistente. Engano.

De início, ainda muito tímida e com frases muito curtas, informa que jamais deixou de praticar as rezas e benzimentos e que apesar de terem diminuído muito com o tempo, ainda recebe pedidos para executá-los. Os vizinhos “mais velhos” vêm, trazem netos, mandam parentes, alguns “de fora”, “até de São Paulo, já veio”.

Dona Carmoza não frequentou a escola e, como ela própria define, não aprendeu “as letras”. Aprendeu as rezas com a avó e, posteriormente, com a mãe, observando e ajudando, e começou a praticar ainda na juventude. Nenhuma delas lia e escrevia, de modo que não havia registros, cadernos, livros⁵. Para ela, se houvesse meio de registrar as rezas através da escrita, seria um meio de guardar uma parte da “sabedoria dos antigos”, mas ela não sabe dizer se isso serviria para manter o costume.

Hesitante, ela formula ideia de que que a família precisa de alguém com o dom. Aprender “de ouvir” é também parte desse dom, e se não fosse assim, qualquer um seria benzedor: outros netos de sua avó, por exemplo. Mas ela, sua mãe, sua avó, todas aprenderam, e isso tem, em sua expressão, um tom diferenciador. Por outro lado, Dona Carmoza antecipa o fim de sua prática, tanto pelos novos tempos e as novas configurações sociais, quanto pela falta de “herdeiros”. Não teve filhos, está em idade já avançada, não deixou registros e insere-se atualmente num contexto com melhor assistência à saúde e melhores condições de vida o que, de um lado diminui problemas de saúde mais corriqueiros, e do outro, altera a dinâmica da busca por benzimento.

4 Segundo dona Carmoza e outros moradores, antigamente a comunidade era muito discriminada por ser um “lugar de pretos”, e ser roça. Os moradores preferiam dizer que moravam no “Luz de Vela”, que na verdade era o nome do mesmo posto de combustíveis que desencadeou, anos mais tarde, o desenvolvimento da localidade e que, ao ser reestruturado, adotou o nome do lugarejo – Pau de Vela – e este passou a gozar de maior aceitação.

5 Dentre os estudos apresentados, há caso de benzedoras que têm livros de benditos. Não está claro, contudo, se esses benditos são as rezas utilizadas nas práticas de benzeção, se são registros dessas práticas, ou se são livros de cânticos religiosos formulados e distribuídos nas igrejas, e conseqüentemente incorporados ao fazer das benzedoras.

Quando é procurada, normalmente é “pela mão dos mais velhos”, que ainda preservam o costume (não remunerado formalmente, uma vez que, segundo ela, as pessoas poderiam trazer, “de bom grado”, mantimentos como pagamento, sendo que outras davam algum agrado não obrigatório).

Sobre as “rezas”, estas consistem em evocações, pedidos de interseção a santos, mesclados aos nomes das pessoas a serem benzidas. Perguntada se os benzimentos memorizados são sempre repetidos ou podem ser modificados, ela afirma que cada pessoa vem de um jeito, e que há, sim, adaptações de acordo, por exemplo, com o grau/ tipo da enfermidade. Essas mudanças podem variar na entidade/santo evocados, no número de repetições dos dizeres, nos gestos, mas que a essência e o tipo de ritual é seguido, sempre. Por tipo de ritual entende-se o conteúdo básico da evocação, o tipo de erva utilizada para o benzimento, as sugestões de cuidados para depois do benzimento, entre outros.

Em seu rol de benzimentos, afirma, estão rezas contra “Ar do vento” (febre), mal olhado, corpo mole, espinhela caída (forte dor no estômago, costas e pernas, para a qual media o tórax com um cordão, depois rezava a salve-rainha), mal de monte (conhecida atualmente como erisipele), dor na barriga, saindo, vento caído (moleza, tristeza), diarreia em crianças recém-nascidas ou quando estavam nascendo os primeiros dentes, paludismo (dor de cabeça, rezava com uma garrafa d’ água na cabeça e depois a colocava no sereno por três dias e três noites). Cada reza tinha um tipo de folha específico. Assim, por exemplo, para “ar do vento” usava folha de Maria Preta; para o mau olhado, folha de Arruda; espinhela caída usava folha da vassourinha; já a reza para Mal de monte, rezava com pólvora e limão.

Católica, como se declara, utiliza várias referências dessa religião nos atos de benzer, incluindo orações do rol do catolicismo como o Pai-nosso e a Salve-rainha. Perguntada se já havia praticado outra religião, ela diz que não. “Sou católica. Nasci, cresci e vou morrer assim”. Apesar disso, a idade e os cuidados com o esposo acamado não permitem mais que ela frequente as missas.

Como se vê, as práticas de Dona Carmoza situam-se nos contextos apresentados de uma forma muito próxima dos demais estudos. Não alfabetizada, aprendeu por meio da transmissão oral, e conserva elementos que muito têm a ver com a cultura local, com as crenças ali partilhadas, incluindo a crença no “sagrado”, uma vez que, em sua concepção, as pessoas que lhe procuravam, o faziam porque “tinham fé, acreditavam que iam ser curadas”. Apesar de os enunciados – as rezas, como chama os benzimentos – terem uma origem nessa tradição e terem sido memorizados, tornam-se únicos quando realizados, uma vez que cada benzimento traz elementos únicos, sequências e ordenamentos específicos. Do mesmo modo, incorporam elementos do catolicismo, como as orações, mescladas com rituais próprios, gerando novos modos de expressar essa tradição, levemente “tocada” por componentes de uma cultura letrada que a cerca (as orações católicas, por exemplo, entendidas como textos estruturados e posteriormente memorizados), mas que ela não domina. Ela própria tem consciência de que a prática, pelo menos no meio em que vive,

está se perdendo, tanto pela não transmissão dessa herança, quanto pelo avanço social, que permite acesso à medicina tradicional numa escala imensamente maior do que no passado, em que o isolamento, a “fé a cura” e a tradição imperavam.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar o poder da escrita na maior parte das sociedades contemporâneas. Contudo, seja em sociedades sem escrita, seja em pequenos grupos não-letrados inseridos em sociedades letradas, há práticas que ainda preservam elementos característicos da tradição oral, marcados pela transmissão entre gerações, pela memória. A figura da benzedeira é um exemplo dessa tradição, cujo ofício se constrói pela herança, pela observação e pela crença no dom que lhe é concedido.

Ainda que imersa em sociedades letradas, e impelidas pelas mudanças sociais de seu entorno, a principal ferramenta da benzedeira é “o verbo”, é a construção dos enunciados orais, que embora não se possa afirmar estarem isentos de elementos da escrita (traços de textos religiosos memorizados, por exemplo), formulam-se e reformulam-se enquanto enunciados únicos e revestidos de um poder místico/sagrado, legitimado na cultura de determinados grupos sociais.

Não podemos afirmar se é uma tradição prestes a acabar, mas vemos, que assim como a visão de Dona Carmoza, é uma diminuição das práticas, ainda mantidas no plano do costume (bem cultural) dos mais antigos, mas reduzidas pelo maior acesso a equipamentos de saúde básica, por melhorias sanitárias no processo de urbanização, e pelo avanço da escolarização.

Não se pode negar, porém, o fascínio por essa alquimia popular, com suas ervas e palavras, essa figura que se vê e é vista num plano sagrado por ter recebido um dom divino, constituindo um patrimônio específico e no qual a oralidade materializa a cura, a memória, a cultura.

REFERÊNCIAS

BOING, Lúcio. STANCIK, Marco Antonio. **Benzedeiras e benzimentos**: práticas e representações no município de Ivaiporã/pr (1990-2011). Revista Ateliê de História, Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 1. 2013 (p. 85 – 96). Disponível em: < <http://revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/download/3914/3596>> Acesso em: 08 de dez de 2015.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & Tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CUNHA, Lidiane Alves da. **Benzedeiras, saberes e oralidade**: a cura através do dom e da palavra. Anais da IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Fortaleza, CE, 2013. Disponível em: < http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/33_trabalho_000886_1373910872.pdf> Acesso em: 06 de nov de 2015.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAVELOC, Eric. **A equação oralidade – cultura escrita**: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R. TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

NASCIMENTO, Danielle Gomes da. AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses**. Revista Nau literária, PPG-LET-UFRGS, vol. 09 n.01 jan/jun 2013. Porto Alegre, RS.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELA CRISTINA BORBOREMA BOZZO - Doutoranda (bolsista CAPES) em Estudos Literários (UNESP, 2022-2026), com projeto de pesquisa sobre a intertextualidade entre os romances de Dulce Maria Cardoso e suas epígrafes de Dulce María Loynaz. É bacharela e licenciada em Letras (UNESP, 2017), mestra em Estudos Literários (UNESP, 2019) e especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UTFPR, 2020). Na graduação, desenvolveu Iniciação Científica Departamental, cujo título foi “Traços do Surrealismo na composição de A torre da Barbela, de Ruben A.”, em que foram investigados aspectos do Surrealismo no romance que constituiu o corpus da pesquisa, que recebeu Menção Honrosa no Congresso de Iniciação Científica da UNESP em 2016. Ainda na graduação, foi monitora voluntária e, posteriormente, bolsista de Literatura Portuguesa, momento em que teve a oportunidade de ministrar aulas eletivas para sua própria turma. Já no mestrado, foi bolsista CNPq e, na dissertação intitulada “A não-pertença em Os meus sentimentos, de Dulce Maria Cardoso”, definiu a não-pertença segundo a psicologia social e averiguou a construção desse tema pelas categorias narrativas no romance estudado. Na especialização, averiguou o problema do ensino de dissertação argumentativa no contexto pré-vestibular, propondo uma metodologia de ensino para tal. Por fim, é membra do Corpo Editorial (Conselho Técnico-Científico) da Atena Editora, tendo como responsabilidade a organização de e-books da área de Literatura.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropofagia 75, 76, 77, 78, 83, 84, 85

Artes visuais 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33

B

Benzedeira 112, 113, 115, 116, 117, 120, 123

C

Charles Baudelaire 63, 64, 67, 68

Clarice Lispector 86, 87, 90, 92

Conto 7, 29, 91, 92, 93

D

Dança 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 58, 89

Dina Salústio 86, 87, 91, 93

Discourse 8, 86, 87

Discurso afetivo 96

Discurso autobiográfico 101, 103

Distopia 104, 109, 110

Docência 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33

Dois irmãos 75, 76, 79, 80, 83, 84

E

ENEM 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 62

Ensino 7, 15, 23, 25, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 125

Enunciação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 37, 55

Estágio 25, 26, 27, 31, 32, 33

Experimentação 15, 17, 23, 26, 66

F

Fahrenheit 451 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111

G

Gênero textual 3, 6, 7, 35, 36, 39, 40, 42, 44, 45, 48, 62, 63, 65

H

Háptico 15, 18

J

João Cabral de Melo Neto 96, 103

L

Lavoura arcaica 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85

Laws 8

Língua materna 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 61

Linguística 2, 3, 4, 35, 36, 39, 43, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 69

Literatura 3, 4, 6, 16, 36, 40, 49, 63, 75, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 94, 104, 105, 110, 125

Literatura brasileira 75, 79, 83, 84

Literatura comparada 75, 76, 78, 79, 84, 85

Lygia Fagundes Telles 90, 91

N

Narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 39, 40, 105, 106, 110

Nélida Piñon 86, 87, 90

O

Orlanda Amarílis 86, 87, 91, 93

P

Pedagógico 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33

Pensamento poético-pedagógico 25, 31, 33

Poesia 65, 72, 74, 96, 98, 100, 101, 103

Poético 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 96, 97

Práticas orais 112, 115, 119, 124

R

Redação 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 62

Revisão 32, 36, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 96

Revisão de tradução 63

S

Semiótica 14, 24, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Sociedade 12, 28, 34, 52, 76, 79, 86, 87, 88, 92, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 119

Speech 8

T

Tradição oral 112, 113, 115, 116, 123

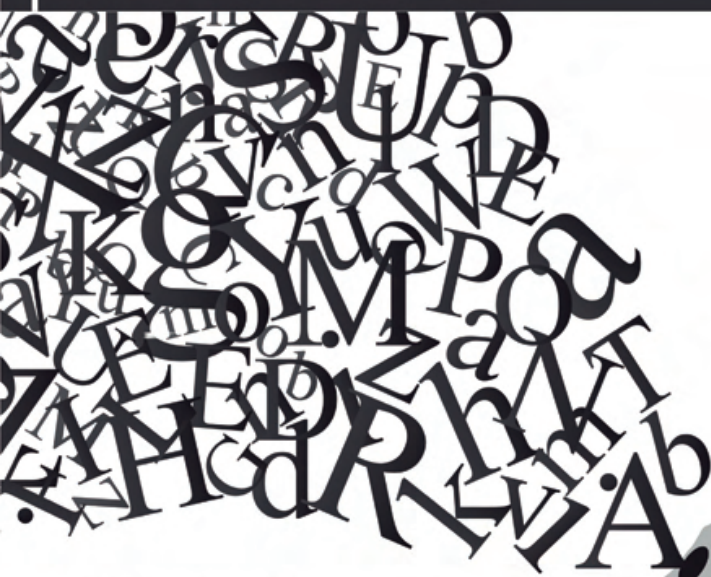
Tradução 24, 45, 46, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 106, 110

U

Utopia 85, 104, 105, 106, 110

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



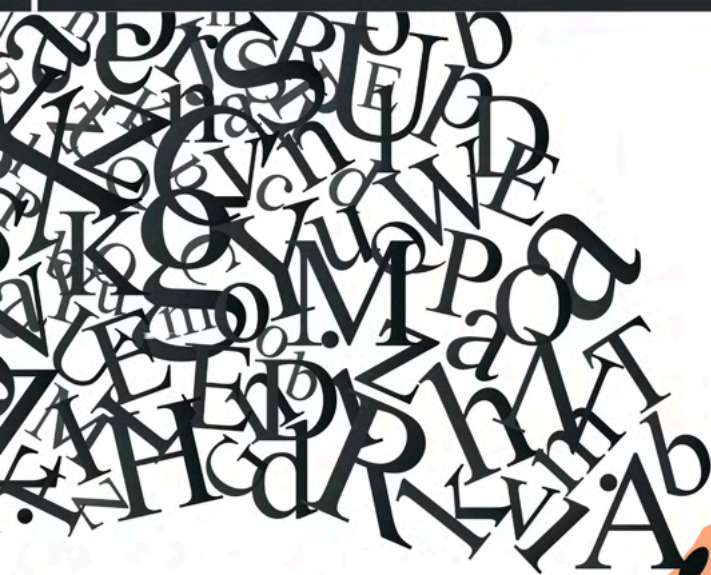
- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

